

PÉRICLES PRADE

**OS MILAGRES DO CÃO JERÔNIMO /
ALÇAPÃO PARA GIGANTES**



OS MILAGRES DO CÃO JERÔNIMO
e
ALÇAPÃO PARA GIGANTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Ubaldo Cesar Balthazar

Vice-Reitora

Alacoque Lorenzini Erdmann

EDITORA DA UFSC

Diretora Executiva

Gleisy Regina Bóries Fachin

Conselho Editorial

Gleisy Regina Bóries Fachin (Presidente)

Adriano Luiz Duarte

Aguinaldo Roberto Pinto

Carlos Luiz Cardoso

Eliete Cibele Cipriano Vaz

Ione Ribeiro Valle

Gestine Cássia Trindade

José Paulo Speck Pereira

Josimari Telino de Lacerda

Katia Jakovljevic Pudla Wagner

Luana Renostro Heinen

Luis Alberto Gómez

Mauri Furlan

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88040-900 – Florianópolis-SC

Fones: (48) 3721-9408

editora@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Péricles Prade

OS MILAGRES DO CÃO JERÔNIMO
e
ALÇAPÃO PARA GIGANTES

1ª reimpressão

© 2013 Editora da UFSC

Os milagres do cão Jerônimo

1ª edição, Porto Alegre: Edições Flama Ltda., 1970; 2ª edição, Porto Alegre: Edições Flama Ltda., 1972; 3ª edição, São Paulo: Editora do Escritor, 1976; 4ª edição, São Paulo: Global, 1980; 5ª edição, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

Alçapão para gigantes

1ª edição, São Paulo: Alfa-Ômega, 1980; 2ª edição, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

Direção editorial:

Flavia Vicenzi

Capa:

Maria Lúcia Iaczinski

Editoração:

Carla da Silva Flor

Revisão:

Heloisa Hübbe de Miranda

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

P896m Prade, Péricles

Os milagres do cão Jerônimo ; Alçapão para gigantes / Péricles Prade. – 1. ed., 1. reimp. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2019.
85 p.

ISBN 978-85-328-0636-9

1. Literatura – Santa Catarina. 2. Contos – Santa Catarina
I. Alçapão para gigantes.

CDU: 82(816.4)-34

Ficha catalográfica elaborada por Jonathas Troglío – CRB 14/1093



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio básico do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

Para meus filhos Alexandre Augusto,
Priscila, Luana, Camila e Giovanna

Sumário

Os milagres do cão Jerônimo	9
A filha do rei Anjahamara.....	11
No hipódromo	13
As nove cantoras paralíticas.....	15
O sábio	17
O herói salva a cidade dentro de um sapato	19
A dentadura.....	21
O pecado original.....	23
O monge Astheros.....	25
Alexandria	31
A simples morte pelo punhal.....	33
O tapete indiano	35
A maravilhosa história de um tatu.....	37

A perna	41
No museu	43
Os milagres do cão Jerônimo.....	45
Alçapão para gigantes.....	49
Alçapão para gigantes	51
O segredo.....	55
O vulnerável destino de um rato	57
O servo de Schedin.....	61
A grande concha.....	63
O demônio e as margaridas	67
O tigre	71
Mirsânia, a estrategista	73
Depoimento de um filho adotivo	75
O cavalo de Mergoror	77
O touro e o rio	79
O unicórnio voador.....	81

Os milagres do cão Jerônimo

A filha do rei Anjahamara

Anjahamara era um rei que habitava vasta região de florestas. Tinha cruel vocação pela caça de abelhas ferozes e, quando a ela se dedicava, permanecia muitos dias sem comer.

No alvoroço da caça, armado de estilingue e minúsculas pedras afiadas, exigia dos escravos que abrissem as matas com longos facões imperiais. Na estação do inverno chegava a matar mais de duas mil abelhas e sua habilidade era conhecida e respeitada. Tão certa a pontaria, que jamais alguém suspeitou pudesse errar o alvo. A segurança tinha origem no ódio.

Somente eu, a mulher e o próprio Anjahamara conhecíamos o segredo. A filha do rei, de apenas dois

anos, possuía os olhos iguais aos de abelhas ferozes e com um simples olhar suspendia qualquer objeto por mais pesado que fosse. Era o divertimento no pequeno quarto onde se achava trancada desde o nascimento.

Anjahamara soube por meu intermédio que havia uma forma para salvá-la: matar a rainha das abelhas, retirar seus belos olhos negros e conservá-los numa antiquíssima redoma de prata durante sete anos, até se transformarem no luminoso líquido chamado puderama. Para surtir o efeito desejado, deve-se injetá-lo com uma espécie de agulha de vidro até a medula da espinha dorsal. A receita, para falar a verdade, não era minha. É fruto de uma fórmula usada apenas uma vez no mundo pelo sábio Rhemos na Ilha das Águias.

O rei esperou o tempo necessário e cumpriu todos os ensinamentos.

Ocorre, meus príncipes, que na espinha nasceu uma erva estranha, cujo odor envenenou todos os habitantes do reino.

Eu soube da trágica notícia quando discutia com Cagliostro o aumento dos diamantes pela arte hermética. Continuam a me procurar homens de todos os lugares, e os simples não desconhecem minha bondade.

No hipódromo

Com o demônio nos olhos, a magra mulher lança-me um olhar guerreiro. Começo a percorrer as arquibancadas, impressionado, irritando-me com o vendedor de agulhas que insistia na leitura de um poema imoral. Na corrida, imprimindo incrível velocidade, esbarro numa velha senhora que, perto do poço localizado à entrada do túnel, com fino chicote bate nas costas de um belo animal. O sangue colore os azulejos e eu me sinto feliz.

Na décima quinta volta, o cavalo de crinas verdes levanta voo, planando alegre e descrevendo nos céus complicada lição de alquimia.

Um senhor baixo, que se encontrava sentado, retirou da pasta negra vincado papiro, anotando

apressadamente as fórmulas. Levanta-se e, antes de se perder na multidão, diz com estranha simplicidade:

– Não autorizei a exibição. Hoje haverá morte no meu exército de cavalos alados.

As nove cantoras paralíticas

Enquanto as filhas depositavam os panos de aniagem no vaso enorme, o velho meneava a cabeça num ritmo alegre, contando para o animal de estimação uma história tantas vezes por ele já ouvida.

As meninas, em número de nove, são as famosas cantoras do sítio. Famosas não só pelo fato de serem paralíticas, mas em virtude do raro talento que as domina. Podem cantar meses a fio, sem cansaço, tendo a melodia a força de manter os habitantes em absoluto silêncio durante o longo período das canções.

Um detalhe não passou despercebido ao viajante Marcola que, segundo contam, há muito viera ao lugarejo realizar um negócio rendoso com Arfan, o

comprador de seda: as nove cantoras jamais envelhecem; sempre a mesma voz e beleza.

Preocupado, pois justo é o receio de provocar desconfianças, Marcola investiga, percorrendo as casas dos amigos e conhecidos com o objetivo de obter alguma informação fiel. Após intensos contatos toma conhecimento de que uma senhora, de nome Falma, poderia revelar o segredo.

Procurou-a, pela manhã, no quartinho onde costurava e bordava. Perguntou, inicialmente, se desejava perfumes e lenços finos. Retirou-se após a insistência, para não causar embaraços.

Transcorridos sete dias, ao fazer a barba tem notícia de que a costureira fora encontrada morta no corredor de sua casa, sangrando, com os olhos vazados e a língua cortada.

Marcola não desiste. Sabendo que no próximo sábado haverá concerto, compra o ingresso na loja principal, anotando a hora com ansiedade. Sente-se feliz, não apenas por ter descoberto tudo, mas pela oportunidade de sentar na primeira fila do espetáculo.

Não é sem susto e temor que, no dia marcado, de repente toma consciência de encontrar-se no palco, paralítico também, cantando estranha música da infância.

O sábio

Com o sol doendo nos olhos, sorri. Sereno e profundo levanta os braços, lentamente, caminhando entre as folhas selvagens. Tosse, tingindo a túnica com um vermelho-violeta. Pensa no tempo passado à sombra do sagrado jardim, o dourado jardim adolescente. Maravilhado, despoja-se das roupas com a calma dos sábios. Vira em mágico ritual o corpo para o sol que pousa na palidez agora dolorida.

Dirige-se depois ao lago, a noroeste, onde se banha. Como um pássaro, bate com ágil furor nos mosquitos. Curva-se e tranquilo bebe a água pura. Retira-se e, como ninguém olha, escoiceia o ar insultando os deuses. Em seguida chora.

De volta à margem, cansado, apanha as longas vestes e se coça, rumando à cidade. Ainda é noite, quando bate na porta da Igreja de São Sebastião dos Humildes. Ao abrirem faz o sinal da cruz.

– A que horas começará a missa? – pergunta a uma jovem sentada ao lado.

Por ser peregrina e se chamar Alma, não podia informar. O sábio, encantado, assustou-a, mostrando-lhe a língua. Insiste, fazendo gestos para que a pegue. Ela, preocupada, sem muito entender as razões do que ocorria, estende a mão, segurando-a com violência. Ele dá gritos histéricos, chamando-a de sádica, criatura má, desumana!

Soluços. Fiéis em sobressalto.

Todos exigem imediata expulsão. Bate o pé e diz por duas vezes que viera de longe, em nome do Senhor.

Começa a rezar, em voz alta, bela voz a ressoar, poderosa voz a influenciar os presentes. Ajoelham-se e ele, bem-aventurado, canta maravilhosos e desconhecidos salmos.

Pede licença e sobe no soberano altar. Reza ainda mais, com entonação solene. Tosse, e os fiéis veem boquiabertos o sábio despir-se da vestimenta brilhante.

O herói salva a cidade dentro de um sapato

O sapato ainda está cheio d'água. Os habitantes, submersos após a inundação, constataam a presença indesejável do perigo. O pânico é geral, homens e mulheres comunicando-se aos gritos.

Dos pequenos edifícios os olhares são intensos. A esperança reside no herói, três vezes premiado no século passado por ter salvo, no circo dos irmãos Lorenzi, quatro trapezistas grávidas prestes a explodirem no ar.

Procurado pelo povo, insistentemente, o herói acabou sendo descoberto entre a multidão. Após estimular a sua capacidade de improvisação, acreditando que o importante nem sempre é pensar,

voa com agilidade em direção ao Palácio de Marphis, retirando de conhecido oratório de ouro a arma predileta.

O herói convoca o povo e distribui escafandros verdes fabricados numa empresa que há muito tempo fundara prevendo este estado de emergência. Gesticula, dando ordens e formando pequenos pelotões. No encontro definitivo, no adro de prata perto da praça principal, abre os braços numa demonstração de convencimento. O povo sacode a enorme cabeça, aprovando com visível humildade a decisão.

Visto de fora, o sapato é um belo aquário em movimento. O herói, girando como um pião, projeta-se com violência contra o couro, rasgando-o. A água desaparece, pouco a pouco, voltando a cidade ao estado natural.

O herói, com o pescoço partido e preso na abertura, é um corpo balançando no espaço.

A dentadura

Enquanto ele dormia, a dentadura saiu do vaso, tranquilamente, e caminhou até a cozinha onde comeu todo o bolo.

Voltou, pé ante pé, e viu o dono ainda dormindo na santa paz do Senhor.

Como resistir à passiva situação de permanecer, há tanto tempo, mergulhada em água azul de tão estranhos odores?

Resolveu ter vida própria. Somente à noite, pois demasiado era o trabalho na boca do senhor Pirandello durante o dia.

Para a obtenção desse privilégio usou de uma série de recursos. O mais brilhante resume-se no seguinte: comprimir as gengivas do velho de uma forma terrível, todos os dias, após o jantar.

O território de suas andanças era o da casa. E uma coisa deve ser dita com fidelidade: nunca foi, sequer, ao jardim. Hoje, entretanto, após comer o bolo, teve uma ideia genial. Sair de casa!

Olhou para os lados, certificando-se de que o velho continuava a ressonar. Desceu as escadarias, rumando ao cais. Escondeu-se duas ou três vezes, ao passar um guarda. Passeou, alegre, até a madrugada.

Quando retornava, ao dobrar uma esquina viu um negro esmurrar bela menina de tranças marrons. Correu ao seu encontro e mordeu com violência o calcanhar do musculoso agressor. Coitada! Mal teve tempo para morder, pois foi esmagada pelo peso de um sapato de fortes solas de couro grosso.

No dia seguinte o senhor Pirandello, ao procurar a dentadura na seção de furtos e roubos, ficou perturbado com a voz de prisão.

O pecado original

O olho transborda a cavidade e cobre o próprio corpo, engolindo-o como a Jonas em obscena atitude. Percorre depois o mar em viagens de longo curso, amando os tubarões, os leões e os cavalos-marinhos. Tristemente o olho olha-se a si mesmo e chora, perdido, escamado em solidão no fundo de imperturbável caverna.

Não resiste à transformação, castigo dos deuses que o viram, quando baleia, masturbando-se à margem de um úmido litoral, perto dos homens, habitantes de terras desconhecidas. Lembra a infância dos pecados, os vícios solitários, os transe e as agonias.

Não mais tem saído o olho da caverna, suportando desesperador exílio? Furando-se ao apanhar

de surpresa a espada do peixe, pretende ilógico suicídio.

Continua a viver, em maldita escuridão, como o temido olho cego do Pacífico.

O monge Astheros

Puxando pequeno e estranho carro que se insinuava pelas ruas como delicada cascavel, um palhaço, contradizendo sua própria figura de otimismo e alegria, gritava o nome de uma peça cuja encenação no pitoresco circo da aldeia sugeria algo de original e cativante.

O povo, simples e curioso, apenas espreitava pelas janelas. As crianças – onde vocação maior para o desconhecido? –, aos poucos, saíam das casas, umas olhando para os lados, outras para o alto, como que prevendo a ocorrência de fatos terríveis.

E o palhaço não se cansava. Percorreu todos os lugares, agora resfolegante, falando mais baixo, quase inaudível, acrescentando ao nome da peça o do seu supremo criador: o monge Astheros.

Bastou a presença de homem tão poderoso para que o clima se modificasse na aldeia. Tudo de certa forma se tornou úmido e as flores, tão fartas nos jardins e nos bosques, cresceram mais exuberantes, apontando luminosos traços em suas folhas, cegando os que as olhassem mais demoradamente. Um misterioso e palpável pressentimento envolvia as mães, que andavam receosas, tímidas e hesitantes.

A primeira apresentação foi marcada para um sábado, com o objetivo de oferecer ao público uma atmosfera mais tensa, onde o medo pudesse participar como personagem invisível, mas presente.

Como explicar a ausência absoluta do povo? Dizem que Astheros, muito embora ninguém comparecesse, encenou com indescritível perfeição, causando profundo impacto aos que, rodeando o circo insignificante, ouviam suas precisas e contagiantes palavras.

Palavras. Simples palavras apenas? Algumas, entre milhares pronunciadas com convicção, permaneceram no espaço, pairando como sutil veneno, andando de boca em boca, sabendo todos que essa atitude mais prestígio concedia ao monge.

Criatura contraditória ou não, a verdade é que, repelindo-o, o povo mais dele se aproximava, ora para consultá-lo a respeito das tempestades, ora para fazer dele motivo de riso, ora para seguir seus preciosos ensinamentos.

Passaram-se os anos e ninguém tinha condições de informar, com exatidão, por que o monge não apresentava outro espetáculo. Nem é necessário dizer que o tempo se encarregou de criar, em todos os habitantes, um desejo quase doentio de vê-lo reencenar a peça com todas as nuances. O monge negava sempre essa possibilidade, limitando-se somente a supervisionar os programas dominicais, orientando o palhaço, os trapezistas, o toureiro Arphas e o engolidor de fogo, quando muito fazendo alguns truques inocentes.

Mais tarde o monge observou que a resistência é inerente aos imortais. Identificado com a sua época, não poderia furtar-se à insistência popular. Porém, antes de aceder ao pedido de novo espetáculo, fez um sermão por ele considerado superior ao de Cristo na Montanha.

Ainda há alguém, como eu, que o guarda no mais íntimo do ser. Não sou forçado a repeti-lo, vírgula por vírgula, mas nem por isso deixo de transmitir, àqueles que vivamente se interessam pela história, uma frase cuja força dominou os ouvintes em tensão: “Insistir é um pecado também próprio dos deuses”.

Por três horas seguidas Astheros falou, citando trechos de um evangelho desconhecido e a todos envolvendo com a interpretação de conceitos até então jamais formulados. Ao terminar suspirou profundamente.

O povo permanecia em silêncio total, seguindo-o sufocado pelas malhas da submissão. Uma longa fila formou-se, interminável.

O monge Astheros, à frente, caminhava com tranquilidade. Sequer se dignava olhar para trás, tamanha a certeza de que todos o seguiam.

Após entrarem, ultrapassada portanto a porta principal do circo, um ruído seco ecoou. Os que se viraram, bruscamente, tiveram a impressão de que um enorme portão de ferro se fechara. Mas nada viram a não ser Astheros sorridente.

Doze relógios, alguns no chão e outros pendurados no palco, batiam de forma ensurdecadora. Nesse instante a velha lona levantou-se, arrancada por força estranha. O povo, acuado, pela primeira vez sentiu pavor. Homens, mulheres e crianças encontravam-se dentro de uma jaula imensa, a respiração suspensa.

Astheros abriu os braços e disse com sabedoria:

– Acalmem-se. Acalmem-se.

A massa sentou-se, apreensiva.

O monge fez um sinal, entrando numa porta estreita localizada no fundo do palco. Voltou rápido, paramentado. Com olhar satisfeito, anunciou:

– Antes da peça rezarei a missa do Juízo Final, mas necessito com urgência de sete coroinhas, de sete anos.

Um movimento com os dedos foi o suficiente para que os meninos se aproximassem. Vestiu-os, atendendo a um ritual, olhando sempre para baixo. Depois, com dignidade comovente, proferiu palavras ininteligíveis. Fixou os fiéis, olhar penetrante, determinando que retirassem as roupas.

A multidão nua, pelas grades, lançou variado colorido de panos.

– Agora vamos comungar a emoção do suicídio pelo punhal.

Pedi aos coroinhas que estendessem os punhais retirados de uma arca enorme colocada no meio do altar. Punhais de vários tamanhos, cores e origens. Os meninos, rápidos, os distribuíram aos presentes e, como eram muitos, voltaram ao monge, que forneceu mais de uma centena.

Verificando que já os possuíam, sentenciou com voz pausada:

– Devem colocar os punhais à altura do coração. Quando eu bater neste gongo central, pela terceira vez, quero vê-los enfiar no corpo os instrumentos divinos do meu poder. O suicídio coletivo é a única redenção para uma aldeia que teve a honra de conhecer Astheros.

Três vezes bateu no gongo, e todos obedeceram.

Eu, porém, há muito tempo descobri o segredo. Somente a curiosidade, naquele dia, fez com que nada

dissesse aos amigos e parentes. Queria saber até onde o monge chegaria.

Na cerimônia do Juízo Final cumpri o ritual, receoso de ser surpreendido. Estirado entre o amontoado de mortos vi de relance, sobre o altar, as sete crianças serem acariciadas.

Alexandria

O animal rompe a porta, violentamente, caindo entre os livros. Conserva no rosto a palidez, infeliz nos gestos e no olhar. Levanta, os músculos retesados, conduzindo o corpo com dificuldade.

A primeira preocupação é a de cheirar as lombadas, certo de reconhecer o conteúdo pelo olfato raro e milenar. Seguro e confiante, percorre os corredores.

Duas entidades sobreviventes. O animal e a biblioteca como resultado de um conflito, solitários num ambiente físico de comunicação intensa. As presenças se confrontam. Os objetos e o organismo convivem o mesmo clima de diferentes tensões. Contrapõe-se o silêncio à respiração.

O odor quase enlouquece o animal. Salta em direção da mesa de mármore, chocando-se contra o vaso de porcelana, colocado no móvel com prazer. Com o pelo limpa o sangue, cujo resíduo é um belo desenho de ave levantando voo. A cabeça ferida, dor suprema, luta com desespero para encontrar a saída nesse mundo selvagem de unidades estranhas.

A força se esgota, o líquido se esvai cruzando os olhos azuis, escorrendo pelo ventre em movimento. O animal estremece, colorindo a paisagem no livro aberto.

A simples morte pelo punhal

Hei de matar Rainer Maria Rilke – pensou.

É diária a afirmação para ter certeza de que será suficientemente capaz de praticar o ato. Uma rara, bela e cruel aventura. Onde estivesse, o pensamento martelava forte, violento e provocador.

Lendo Rilke, morre diversas vezes. Cada palavra, cada frase, todas as interrogações são longos alfinetes rompendo a inspiração. Na repartição, no escritório, no cinema, a vontade de matar crescia.

– Sou um fracasso – repetiu.

Não importa o bom ordenado, o amor, os filhos ou mesmo as árvores plantadas. Para ele o pior é saber a verdade pela boca das crianças, e reconhecer atrás de sua máscara a pálida figura de um escritor. Preferia ser um desses inocentes.

Toma a decisão. À noite, sem que alguém o pudesse ver, abre o cofre e retira um arquivo pesado e antigo.

Remexe e encontra a fotografia que procurava. Explode num riso nervoso, trágico, enfiando o punhal no exato lugar onde na foto um coração aceso deveria existir.

Viu sangue em sua agonia e, alucinado, atravessa a lâmina em suas têmeoras, no momento em que os últimos versos das *Elegias de Duíno* são murmurados em todos os cantos, como se Rilke revelasse a brevidade de uma vingança.

O tapete indiano

Todas as manhãs a prostituta batia no tapete indiano. Despedia-se dos conhecidos amantes, arrumava a cama com doentia organização, e o passava nas mãos, esmurrando-o com fúria incontrolável.

Diziam as vizinhas que ela o espancava de forma comovedora.

Como vingar-se? O tapete esperava por uma oportunidade, mas não surgiam as condições. Era posto sobre o chão ou pendurado na cerca. Humilhava-o o fato de ter parado na zona de prostituição, de origens tão indignas.

Passaram-se os anos. Mais velho o tapete, mais velha a prostituta. Inúmeras as mudanças, perspectiva de fatal decadência. Enfim, a ruína eterna, a podridão

maior, a impossibilidade de existir. Eis a prostituta: animal, verdes as pelancas, equilibradas na lembrança dos ossos adolescentes.

Estamos no inverno, brutal, a geada cobrindo os pastos, as paisagens europeias nas retinas, renascidas. Não há mais camas, nem os sujos lençóis de tão amados calores. O tapete sob o braço esquerdo, caminha a prostituta, amparando-se nos muros, caída agora, pálida-cansada.

Que estranho o olhar do tapete indiano! Bastou Adriana encolher as pernas, cerrar as pálpebras, para envolver-se, rápido, no pescoço. Apertou aos poucos, esbugalhados os olhos, enigmático o sorriso dentro da noite. Enrolou-se e fugiu, aproveitando a escuridão para enfiar-se no mais próximo esgoto, à beira da calçada.

A maravilhosa história de um tatu

Tudo é admitido pela excêntrica família, inclusive tomar banho, todas as quintas-feiras, no belíssimo chafariz da praça. Seus trajes não chocam tanto assim: nem por isso deixam de causar espanto.

Algo extraordinário, mas verdadeiro, os habitantes da curiosa província do Sul desconhecem: existe outra família, vizinha da primeira, possivelmente mais excêntrica, cujas manias passam despercebidas. Pelo menos essa é a impressão.

Além de andarem de muletas, apesar de saudáveis e perfeitos, os meninos possuem um tatuzinho loiro.

– A loirice do tatu é o de menos – diz Mr. Jones, o patriarca da família.

– O perturbador é a catarata cor de abóbora, crescida nos olhos do animal.

Por que razão ele tem esse privilégio? Diversas vezes os parentes se reuniram, na grande sala do banheiro, para discutir o mistério à luz das velas. Compêndios foram comprados na livraria L, outros tantos pedidos pelo reembolso. Tudo em vão. Nenhum deles traz a mínima informação que possa comprovar a possibilidade de um tatu ter catarata. Mr. Jones, contemporâneo de inúmeras gerações, mostra-se consternado.

– Imaginem! Jamais tive sequer um cisco no olho. O jeito, sem dúvida, será matá-lo o quanto antes.

Nova reunião, agora na sala de jantar próxima à biblioteca que serve para o famoso jogo de bumerangue irlandês. A esposa de Mr. Quint (o pai mudo e de gestos largos) cantarola feliz. Gordinha e pálida, ao dar uma opinião qualquer, mexe-se toda numa inquietude simpática. Seus planos são os melhores. Que belo assassinato! Tudo muito original: esperar que o bichinho cave um buraco qualquer e, tão logo termine a obra, empurrá-lo para a morte, tapando-o. Cavaria o próprio túmulo e ninguém, sobre a face da Terra, saberia. O triste da história é que, embora tatu, nunca cavara um buraco. Muito menos agora que a catarata cobrira os olhos, tornando impossível aventura desse gênero.

A família, sabedora mais tarde da evolução da catarata, e da impossibilidade de ser curada a

cegueira, esquece o assassinato e toma as providências para tratar a terrível doença. Todavia, não podia imaginar que fosse um tatu não cavador, que acabou se convertendo em assunto de alta discussão filosófica.

Os donos não se dão por vencidos. Contratam um médico famoso, especialista entre os especialistas, para proceder à delicada operação. Uma fortuna. Mas o importante é a cura definitiva.

Três dias seguidos choraram pelos cantos, na expectativa do sucesso. Ocorre que o médico, doutor Zatrakah, emocionado pela cirurgia excitante, sofreu infarto do miocárdio. É o que afirmaram os colegas ilustres, mais tarde.

A própria razão desconhece o coração dos tatus. Preocupado com o médico, tão gentil e dedicado no afã de salvá-lo, o bichinho salta da mesa de operação e cava um buraco no lugar onde ainda pulsava o órgão, fazendo uma massagem, considerada pelos entendidos como essencialmente mágica.

Reviveu o cirurgião. O tatu, também maravilhado com a experiência, desfaleceu. E continua na mesma posição até hoje, pois os cientistas desconhecem a natureza da misteriosa inércia total que dele se apossou. Dizem até que atingiu esse estado por ser um dos maiores praticantes de ioga do mundo.

– Isto é discutível – disse um veterinário que o conhece há longo tempo.

Pelo menos a família de Mr. Jones está satisfeita. Que importa a catarata, assim pensam os iniciados, se o tatu permanece frio, imóvel, conservado para a eternidade?

A perna

Súbito uma dor. Apenas um gesto displicente, roçando com os dedos o joelho direito. Por que maior preocupação, se há mais de oito anos faz o mesmo movimento ao crepúsculo? Hoje, sendo mais aguda, tem a ideia de puxar a calça e verificar o local da pontada.

Vê apenas um olho minúsculo, consistente e de cor azulada. Parece o resultado de espetada de agulha, ferida quase imperceptível. Nota, porém, que um tênue fio escorre pela perna acompanhando as veias.

Corre rápido casa adentro e da gaveta da escrivaninha retira a lupa antiga, presente do avô. Colocando-a sobre a perna, percorre-a com atenção, temor e prazer.

No dia seguinte o joelho é uma bola azul, rutilante. Não espera que os amigos o procurem para contar a novidade. Manifestando em todas as casas complexa opinião, começa a falar num tom diverso do habitual.

A primeira atitude foi simples: cortou a calça, em forma oval, complementando os cuidados com distinção e nobreza.

Foi tomado de surpresa maior no final da semana. Toda a perna tornou-se um bloco azul de mármore. Um riso satisfeito acompanhou o olhar, a alegria explodindo dentro do corpo palpitante. Gritou, voz forte, sonora festa íntima. Não se cansava de admirar o colorido, extasiado. Rasgou a roupa, ainda pela manhã, indo a seguir para a praça pública.

Desce do pedestal a estátua do marquês de Orando e senta-se. Com orgulho estira a perna azul, segurando-a com dificuldade. Após, curva-se, com indizível felicidade, e assobia para o primeiro passante que vê ao longe.

No museu

O pintor de roxas faces disse adeus à mãe e foi direto ao museu conversar com o seu quadro predileto. Trata-se do *Café à noite*, de Van Gogh.

Todos os dias, após o almoço, bate na porta da conhecida casa de arte, sendo recebido por Lipont, simpático general responsável pela guarda das telas.

Há dez anos conversa com o homem de branco e de misteriosos cabelos verdes que se mantém de pé, bem perto da mesa de *snooker*. São velhos amigos?

O que o público não tem notado é a sensível modificação da bela pintura. O pintor de roxas faces, frustrado, fez um pacto com o homem de branco e de misteriosos cabelos verdes: libertá-lo-ia do quadro se subvertesse todo o ambiente, pois odiava Van Gogh, o grande gênio. E assim foi feito.

O relógio, que no quadro antes marcava doze horas e quatorze minutos, agora está atrasado, assinalando quinze para as oito; sobre a mesa, sete bolas coloridas; desaparecido o taco; dos três lampiões, um apenas se encontra aceso; no chão manchas de sangue sugerindo luta; na parede vermelha uma rachadura em forma de V e a cabeça de todos os fregueses pendidas sobre as cadeiras. A famosa obra está finalmente transformada.

Quando faz menção de levantar-se, o homem de branco e de misteriosos cabelos verdes pergunta, baixinho, se não irá libertá-lo.

– Ora, a libertação está em ti.

Sai zombando, mas não consegue ultrapassar a porta. O velho militar retira um antigo punhal de suas costas. A polícia ainda o está investigando e os seus depoimentos, por incrível que pareça, são considerados contraditórios.

Os milagres do cão Jerônimo

Um mistério na aldeia. Conhecido por diversas gerações, Jerônimo é branco, digno e nobre. Ninguém, nem mesmo a bem informada parteira Vanja, tem escutado o cão latir. Todos o temem, quase sagrado o respeito. Meu avô, velho caçador de borboletas do bosque de Harla, sabe histórias fantásticas, e quatro delas me cativaram.

A primeira conta que Jerônimo, quando conduzia os tropeiros de Arecuza para ultrapassarem o rio Venda, lutou durante horas com um cardume de milhares de piranhas, vencendo-as com o luminoso olhar sob as águas.

A segunda revela que, após violenta tempestade de pedras, o cão transportou sobre o lombo uma

criança, retirada do fundo de uma mina de ouro, protegendo-a com um leque de retorcidos arames.

A terceira demonstra uma vocação irresistível: no ano de 1812 não faltou aos enterros dos suicidas, permanecendo sobre as covas até que nelas nascesse um belo trevo venenoso.

A quarta equivale a uma predestinação. Sempre que desse três voltas ao redor da Igreja de São Egídio, o próximo afogado seria reconhecido em virtude de uma tatuagem imprevista no rosto.

Mas as inúmeras histórias, todas verdadeiras, não impressionam tanto os habitantes quanto o fato de ele permanecer mudo. Para ser bem fiel, jamais alguém viu Jerônimo abrir a boca nem para se alimentar.

Sandor, o violento jesuíta, teve há poucos dias uma ideia destruidora. Convocou as famílias para a missa de domingo, dizendo num tom grave:

– Jerônimo é o mal que se abate sobre as nossas cabeças. Precisamos liquidá-lo. O demônio conduz sua mudez milenar.

No dia marcado, o enorme cão, impassível, encostado na porta da sacristia, era uma triste estátua de carne. Ao final do sermão caminhou entre os bancos, lentamente, silencioso, para melhor ouvir a sentença de morte. Sem se demorar aproximou-se do religioso, que o exorcizou num ritual de conhecidos movimentos.

De repente, tomando a todos de surpresa, o pároco lança-se sobre Jerônimo, tentando em vão, com força descomunal, abrir-lhe a boca. Não se contendo, grita:

– É o demônio. É o demônio. Ajudem!

A multidão, furiosa, precipitou-se em direção do animal. Foram necessários muitos homens para segurá-lo. Após, cansado e infeliz, rendeu-se.

Mal teve tempo o padre de abrir a boca do cão e uma extensa língua de fogo, serpente de infinitas chamas, enleou-se pelas vestes dos crentes, iniciando o mais terrível incêndio de que a humanidade tem notícia.

Alçapão para gigantes

Alçapão para gigantes

Quando, pela primeira vez, o gigante caiu no alçapão, o baque foi violento e surdo. Nas seguintes, a queda era suportada com prudência e habilidade.

Supunha-se que, com a lição do cativo, não mais voltasse a furtar as melancias, quebrando-as com os dentes como se fossem delicadas nozes.

Era reincidente, porém.

Retornava à plantação em períodos certos, como se obedecesse a um ritual. Segundo o calendário Wostruph, os furtos atingiram a soma astronômica de 6.600.666.000.660.600.010.001.216.

A solução encontrada parecia simples, mas quase todos os conselheiros negros votaram desfavoravelmente à prisão. De nada adiantou, pois a unanimidade dos

conselheiros verdes determinou que o gigante permanecesse recluso, em regime perpétuo.

O erro foi fatal.

A ausência prolongada, apesar de transformada em costume, provocou a ira de Berthemethar ao amanhecer. Reuniu dezoito caçadores, guerreiros improvisados, liderados por um prestigiado armador, cuja especialidade exigia amplíssimo conhecimento de como é possível anular o perigo de quaisquer armadilhas, mesmo as mais sofisticadas.

E partiram.

Nas bordas do terceiro vulcão sopraram o necessário para causar um terremoto, mas os inimigos nem se abalaram.

Mal iniciaram novo ataque, surgiram trezentas e doze novas armadilhas. Tantas eram, que só o trabalho para desfazê-las os cansou. Um dos gigantes chegou a adoecer, causando sérias preocupações.

No dia seguinte novas armadilhas os surpreendiam. Os guerreiros, aos poucos, perdiam suas forças, permanecendo à sombra das árvores remanescentes. Só o armador resistiu, caminhando em direção dos castelos de palha.

Faltava um metro para o portão central, e, nesse breve espaço, começou a mais violenta luta de que se teve notícia: contra as armadilhas do povo de Sezmedor.

Durante uma semana ainda suportou. O cansaço dele tomou conta e apenas um dos dedos conseguiu movimentar. Com real facilidade foi conduzido ao interior da jaula, onde fez companhia a outro cativo, conformado.

Se não tivesse ouvido certa conversa, perto das folhagens, jamais descobriria o motivo de sua derrota.

A armadilha era a própria exaustão.

O segredo

Sempre tive consciência do meu poder e jamais quis fazer uso dele. Não foram poucas as vezes em que senti forte atração para exercê-lo, uma espécie de curiosidade em relação a um resultado fatal.

Sentado na poltrona fico a pensar que seria melancólico morrer sem utilizar força tão terrível. De nada adianta, reconheço, possuir o segredo pelo simples prazer de sua intimidade.

Por outro lado, se deixo de participar a todos que existe, ele passa a não ter sentido.

Preciso contar a alguém.

Talvez a pessoa certa seja Rhodamar, sempre interessada quando se trata de coisas estranhas.

– Por favor, quero conversar com a prisioneira.

– Lamento muito. Matou-se hoje, pela manhã, durante uma sessão cinematográfica.

Acendo o cigarro, um pouco triste, mas aliviado por não ter cometido um erro.

O vulnerável destino de um rato

Encontrar um rato na uretra pode ser surpresa a um médico, mas jamais a Rothan, o balseiro, que vive dessas maravilhas há muitos anos, à beira do rio Benedito, declamando para os anuns com alegria contida.

O rato tem uma história e só Rothan sabe disso.

No tempo de Egisto IV, que morreu delirando entre os fogos, houve uma festa em Pomeranos quando anunciaram o nascimento de Aboval, o primogênito.

Foram contratadas seis hábeis parteiras, que, no altar de cedro, excitaram a Grande Rata.

As mulheres trabalharam dias e dias, sem descanso, tendo ao término da festa surgido entre as mãos de Noblina aquele a quem foi reservado

um magnífico destino: o de habitar muitos corpos, ocupando nobres lugares para o alimento vital.

Durante anos seguidos o balseiro toma conhecimento de detalhes considerados estranhos pelos vizinhos, salientando-se o fato de o rato ter sido encontrado, com frequência, em situações incríveis.

Ubaldo o encontrou no esfíncter de doze carpas, seguidamente retiradas da lagoa anã da Granja Oriente.

Hamms, quando barbeiro, viu o animal no fio da navalha de uma espinha solitária do freguês alemão.

Linãres e seu filho Rodrigo, espanhóis perdidos na Praia da Saudade, souberam de sua existência no pneu esquerdo do Mercedes dos Pisani, quase sempre furado.

Amaral, também conhecido como E Silva, assustou-se ao ver o rato cair no chão ao abrir um processo na longínqua comarca de Mourinhos.

Carlango, quase um senador, cuja especialidade maior sempre foi a de mexer no nariz, deixou o velho hábito ao verificar a presença do rato, rindo, entre a verde matéria na ponta do indicador.

Mas Pisco, o rato, como que por verdadeira mágica, desapareceu por completo.

Soube-se que Rothan resolveu ficar no mais absoluto silêncio. Chegou até a negar a veracidade das ocorrências.

Ninguém sabia a razão, até ontem, quando foi descoberta a verdade.

Casara com a Grande Rata, cuja paixão acabou levando o filho à morte porque, proibido de viajar para alimentar-se, definhou sem dar um grito.

O servo de Schedin

No cesto encontrei doze ovos de chumbo. Desconfiado, olhei para os lados na expectativa de uma presença desconcertante. Não houve equívoco, pois em seguida um corpo indefinido arrastou-se em minha direção. O pavor fez com que eu permanecesse no lugar.

O ser, notando o meu comportamento, retraiu-se um pouco. Menos embaraçado, mas ainda um tanto inibido, falei num tom quase afetivo:

– Com que criatura estou em contato?

– Sou o servo do príncipe Schedin, único sobrevivente de terrível catástrofe ocasionada em seu império. Um dilúvio de milhares e milhares de micróbios infestou a comunidade, afogando-a na

imundície. Consegui manter-me vivo graças ao fato de ser possuidor de um controle orgânico inédito no mundo animal. Basta que eu tranque a respiração alguns segundos para transformar meu corpo num bloco de chumbo. Foi com esse poder, originado de uma fórmula conhecida apenas pelo alquimista Arfhanio, até o dia do assassinato, que pude salvar-me da morte.

– Mas o que faz em minha casa, no meio das aves e nesta hora da manhã?

– Soube que o senhor morava aqui e gostaria de registrar minha passagem sobre a face da Terra.

A grande concha

Olhar a ponta do pé direito, todos os dias, era um verdadeiro suplício. Mestre Maiochi não se conformava com a unha encravada que, desde a infância, impunha-lhe uma dor quase imperceptível, mas contínua.

Mora à beira de um rio prudente, tendo como prazer maior o fato de, apesar de idoso, ser professor de um conhecido grupo de cegos.

No último aniversário recebeu de presente, embrulhada em papel prateado, uma tesoura delicadíssima, cuja origem jamais foi questionada. A ponta, afiada, possui um brilho estranho só notado por Lothar, o jardineiro rosa-cruz.

Após uma visita a Pastos Velhos acabou sabendo, em contato com outro professor, apelidado de Senhor

U, que havia uma fórmula singela para resolver o problema da unha, cortando-a em V.

Bastou cortá-la para verificar que, no dia seguinte, mudou de cor, dobrando o tamanho.

Fez novas experiências.

No final do mês de janeiro andava com real dificuldade. A unha já era maior do que o próprio pé. Os cortes multiplicavam o tamanho.

Mestre Maiochi confeccionou uma meia enorme, marrom, conduzindo a perna com as mãos. Deixou de dar aulas e só saía de casa aos domingos, sentado numa carroça esbranquiçada, que dirigia a um local ignorado.

Não suportou o desejo dos cortes. Uma compulsão. A tesoura, duas lâminas ofuscantes, funcionava como se fosse sempre a primeira vez. A unha continuava a crescer; redobrava.

Tão extraordinário o crescimento, que se viu forçado a abandonar a habitação. A unha sequer entrava pela porta de trás, a maior delas. Ou mesmo pelo janelão perto do poço.

Passou a frequentar o bosque.

Incríveis os problemas para caminhar.

Daí as razões dos jejuns, menos espaçados.

Se parasse de cortar, por certo teria condições de sobrevivência. A compulsão no entanto era tal que,

todas as manhãs, quase sem resistência, voltava aos cortes após visível esforço.

A partir do septuagésimo corte a unha passou a crescer com autonomia.

A fome e a sede eram demasiadas, mas o mestre Maiochi não podia sair do lugar. Sem possibilidade de qualquer controle viu a matéria tomar conta da aldeia: a igreja, a escola, as casas, os verdes vales, a tudo engolia, presos à sombra envolvente nascida de sua presença.

O demônio e as margaridas¹

O demônio não resistiu. Minhas piadas, realmente, eram muito boas. Cruzou as perninhas e desandou a rir como um menino. Havia esquecido as dores da perversidade e trazia no rosto a paz, sem nenhuma malícia exposta.

De repente, entristeceu. Pude até anunciar um jeito esquisito no lábio superior, talvez um princípio de choro.

Depois, exalando comovente curiosidade, com reverência pediu que contasse outras.

Estranhei. Algo misterioso envolvia a singular criatura. Não quis de maneira alguma continuar,

¹ Este conto, anteriormente, foi publicado sob o pseudônimo de Luigi de Assunta. In: *Em Revista* n. 4, São Paulo: Editora do Escritor, 1977.

mas acabei sendo, irresistivelmente, forçado à nova conversa, agora engenhosa, trespassada de fino humor. Sorrii aliviado, suspirando.

Em seguida, com as pequenas mãos escondendo os olhos brilhantes, sugerindo melancolia, confessou levar uma vida injusta entre os seus.

Puxou-me, envergonhado, dizendo-me quase inaudível:

– Como gosto de você!

Creio não ser preciso expressar o quanto me assustei. Sempre pensara, desde criança, que os demônios fossem maus. E este, que participava de minha convivência, seria um personagem expulso dos infernos? Nada disso, mas pensei que estava sendo enganado. Fazendo de conta que nada me abalara, falei com naturalidade:

– Confesso que jamais um demônio simpatizou-se comigo.

Como ele permanecesse em silêncio, fiquei constrangido. Supus que minha intervenção o tivesse deixado sem graça. Pigarreei um pouco:

– Peço-lhe desculpas.

Mal acabara de pronunciar essas palavras, caí em mim. Não devia ter falado assim. Este é um daqueles que estão contaminados pelos pecados do mundo, pensei. Estava prestes a dizer qualquer coisa de interessante, quando fui interrompido:

– Sou um tímido. Falta-me vocação.

Como encará-lo? Olhei para os lados, indeciso. Por que não tivera maior percepção? Era aquilo, afinal?

Os tímidos devem ser respeitados. Agi abusando de um ser bom e inseguro.

Não podia remediar, infelizmente. Ou podia?

O interessante é que, nem havia passado um segundo, com razão imaginei que estava sendo envolvido em exemplar gozação. E se o demônio, no fundo, estivesse construindo uma situação ridícula para divertir-se às minhas custas?

Coçou a cabeça e, com aspecto aparentando calma, gritou histérico:

– Conversar com o senhor é a própria humilhação!

Irritei-me. Fizera menção para levantar, doido-doido para quebrar-lhe os chifres, quando de maneira educada estendeu-me os braços, pedindo que eu ficasse parado.

Deu-me um prolongado beijo na testa e, após chorar aos prantos, recitou alguns versos da *Divina comédia*.

Foi com tristeza nos olhos que, retirando o rabo do canteiro das margaridas, disse adeus.

O tigre

1

O tigre dança sobre enorme e quente chapa de ferro. Os gritos explodem na floresta. Após, com as pernas queimadas, o corpo do animal tomba ao chão. Recolhido por monstros verdes é levado para uma jaula luminosa, onde, prisioneiro, vê com surpresa sete lâminas sagradas curtirem o belo couro de manchas selvagens.

2

O tigre enfia o pescoço na boca da serpente de ouro. Ouve-se a distância o veneno escorrer pelas

veias, mas o animal, afeito a torturas, resiste com resignação. As mordidas continuam, os finos dentes quase rompendo a jugular.

Sem se preocupar, com tranquilidade sopra dentro da serpente que, aos poucos, converte-se em balão.

3

O tigre salta ao fundo do poço, num mergulho que ultrapassa cinco minutos, procurando em vão encontrar a arca de fogo furtada do altar do rei Anthenor. Repete o mergulho diversas vezes, espetado, sempre, por uma afiada espada de prata que sai da bainha conduzida pelo escravo branco.

Aberta a arca, ao acaso, a água corrompe o símbolo.

Mirsânia, a estrategista

Nos corredores a rainha se irrita. Pela quarta vez patas estranhas eliminam os exércitos, preparados há longo tempo. Não confessa o desânimo, mas pensa na renúncia. Convoca o povo para expor certos pormenores.

– Se não tivesse o temperamento que é do conhecimento de todos, já me consideraria derrotada. Creio, porém, em nossa milenar capacidade de recuperação. Minha preocupação é tamanha que, sozinha, não mais tenho condições de organizar as defesas. Até hoje não admiti a interferência de ninguém, segura de poder decidir tudo, inclusive a respeito das guerras. Volto atrás. Ouço para melhor orientar. Quem poderia nos aconselhar para o combate?

Todas as formigas, uma única voz, disseram aos gritos:

– Mirsânia, a estrategista!

A rainha engoliu em seco. Era sua rival, presa no cubículo de Milfos há dezesseis séculos porque um dia teve a ousadia de demonstrar um pequeno erro de cálculo cometido por um ministro. A situação era embaraçosa.

Se não acolhesse o pedido, estaria desmoralizada após o patético discurso; se aceitasse, estaria admitindo a força da outra. Pensou alguns segundos e sucumbiu:

– Sendo para o benefício de todos, determino a expedição do alvará de soltura.

A rainha, escoltada por trinta e quatro falanges, dirigiu-se apressadamente ao cárcere. Apanhou as chaves e, num gesto solene, abriu as portas de ferro.

A surpresa do desencontro é indizível. Ela não mais se encontrava na prisão. No chão, num papiro, havia uma fórmula minúscula que mais parecia rascunho de projetos. Juntou-a com as mãos trêmulas, chamando com urgência o alquimista Fharnau.

Com os olhos inchados e arfando, disse com terror:

– Majestade, Mirsânia é o gigante!

Depoimento de um filho adotivo

Quem me criou foi o capitão Alphonsus, conhecido pelos viajantes como exímio curador de furúnculos.

Apesar de solteiro, chegou a adotar mais de quarenta crianças.

Sofri muito no começo, mas aos poucos fui me ambientando. Na ausência dele passei a ser o responsável por tudo. Num dia, ainda me recordo, librei Alpínio da desgraça ministrando veneno no copo de plástico. Parecia um passarinho. Até hoje supõem ser outra a origem da morte.

Verdade é que anualmente falece um, tendo os vizinhos já se acostumado. Hoje constato, com certa tristeza, que o único vivo é Lando, famoso por ter

descoberto um cofre contendo antigas moedas de ouro.

No íntimo não tenho coragem para eliminá-lo. Mas serei incoerente, se não o fizer. Ele anda desconfiado e sabe que não escapará.

Armado, obriguei-o a caminhar até à beira do poço. Com um velho balde teve que tirar toda a água e colocá-la na piscina. Fez o trabalho umas trinta vezes. Na última caiu, debatendo-se.

Como eu o vigiava, de longe, corri em sua direção para salvá-lo.

Com muito esforço consegui retirar o corpo; todos são testemunhas.

Com um morto, afinal, o que se pode fazer?

O cavalo de Mergoror

O cavalo fugiu rumo à caverna de Mergoror, soltando longa cortina de poeira cinzenta.

O eremita afagou o animal, irritado pela constância dos maus-tratos infligidos ao animal, geralmente durante o inverno, quando a dor é mais penetrante.

Jamais fora dado a vinganças, mas a punição deveria ser irremissível.

O problema maior, na aldeia, seria descobrir o autor das chicotadas. Uma criança, talvez?

Mergoror, após muitos anos de recolhimento, desceu das colinas em direção de Catharan, silencioso, durante a noite.

Sabe o senhor, porventura, quem bateu no meu cavalo negro?

O padeiro, tido como sabedor de tudo quanto se passava em Catharan, limitou-se a balançar a cabeça, num gesto negativo perpassado de temor.

Mergoror voltou-se tão silencioso como veio.

A pergunta era mero disfarce.

O conhecimento possuía há muito tempo, no exato momento em que sentiu, mesmo de longe, as dores cortantes do animal belíssimo.

Seguiu alguns passos, retirou agulha finíssima de um dos bolsões, e, num gesto rápido, lançou-a certa no coração do padeiro. Este, com os olhos inchados, surpreso, maravilhou-se com o sábio.

Caminhou um pouco, cambaleante, para beijar o eremita na face direita. Após, caiu.

A presença de várias pessoas fez com que não pudesse retirar, por entre as pernas do morto, mechas fortes de crinas negras aparecendo discretas.

Mergoror sabia de tudo, mas não admitia que, para satisfazer um prazer, a criatura humana chegasse a fazer da crueldade raro exercício.

Hoje, na caverna, continua a afagar o animal sem receios. Vê-se, ao fundo, certo brilho nos olhos escuros.

O touro e o rio

A sede era intensa e o touro, sem esforço, bebeu toda a água do rio.

Em seguida movimentou-se com dificuldade.

Como insistem, cabe-me contar alguns detalhes que, na verdade, não são os mais importantes.

– Quando a barriga cresceu, parte dela caiu sobre os trilhos de Marjaina: o trem não pôde ser detido, tendo falecido dezoito famílias de imigrantes japoneses.

– Uma lavadeira, que servia na fazenda dos Berthaso, precipitou-se na cisterna quando retirava água, sofrendo a queda devido ao deslocamento do ar quando o touro ensaiava um passo.

– Há quatro anos urinava peixes longos e brilhantes, ainda vivos, naturalmente, causando pâ-

nico entre os mendigos que os disputavam. Um grupo de crianças chegou à conclusão de que imediata providência deveria ser tomada. Alexandre, o menor, com escamas construiu um aparelho móvel (quarenta por cento de borracha), convocando os companheiros para nele ingressarem. Aproveitou o sono do animal, coisa rara, golpeando a agulha com força para furar a bolsa de couro.

Poucos os sobreviventes, entre os quais me encontro, mas o fato é que o fenômeno nunca mais se repetiu.

O unicórnio voador

No momento em que estava olhando para o lado esquerdo da cama, um enorme barulho quase estourou meus miolos. Dei um salto e fiquei a espreitar pela fechadura.

Abro a porta com extremo cuidado e vou até a sala. Nada que possa preocupar. Faço uma pesquisa com os olhos; absoluto o silêncio.

Da sala fui para os quartos e de lá até o banheiro. Supunha que, com o tremor, pelo menos parte da casa houvesse caído. De repente, a lembrança. Dirijo-me correndo à cozinha.

Decepcionado, verifico que tudo se encontra nos devidos lugares: a geladeira, o fogão, o armário, as panelas, o tapete, o relógio e a caixinha de lixo.

Ainda sonolento, recosto-me na parede. Mal a toco e um grito agudo toma conta do ambiente. Coloco as mãos nas costas, com receio de sentir um buraco na espinha.

Ao me virar, a surpresa.

Estendo as mãos para apalpar e ver que ponta é essa que tem uns quinze centímetros e está encravada na parede. Puxo-a com força, num ímpeto, mas ela nem se mexe.

Lembro-me de que no quartinho há um martelo excelente, de cabeça grande. Vou buscá-lo e começo a dar contínuas batidas, sem sucesso.

Desisto, lamentando não ter um serrote bem afiado.

Mais tarde despi o pijama e coloquei uma calça de couro e camisa xadrez para tomar o café da manhã.

A ponta na cozinha é uma ideia fixa.

Necessito descobrir o que é. E se houver alguma coisa do lado de fora?

Tomo o último gole da xícara, com calma mas pensando muito, crente de que estou na pista certa.

Com passadas firmes vou à cozinha, ultrapasso a porta e dou a volta na casa.

Um animal ajoelhado bufava um bocado e, para falar a verdade, geme também. Possui apenas um chifre e com ele está preso.

Foi só passar o susto e deu-se outro. Piscou um olho e disse sem cerimônia:

– Como é, vai ou não me tirar daqui?

Impertinente, mas, vendo-o sofrer, não resisti e fui providenciar a vinda imediata de um pedreiro. Consegui trazer o Sr. Landoz. Quase cego, não chega a perceber a situação. Certifiquei-me disso após ele ter recebido o dinheiro pelo trabalho, pois me perguntou o motivo de um prego tão grande na cozinha.

Achei engraçado e disse que, se precisasse de novos serviços, iria apanhá-lo em casa. Quando dobrou a esquina fiquei mais tranquilo, dei um pontapé no rabo do animal e insisti, com voz autoritária, para que me contasse a origem de sua presença.

– Sou filho de uma abelha gigante chamada Hirtamusa. Antes da criação da Terra vivia no planeta Morang, cujo formato é idêntico a uma fruta muito procurada pelos homens. Mamãe me gerou no dia em que completou mil anos; daí a minha sabedoria. Tive sérios problemas de alimentação. Ser único, não existe unicórnio de asas, como eu. Por distração sofri uma queda.

Ainda hoje o conservo numa jaula de vidro, espécie de estufa apropriada ao seu desenvolvimento.

Meu temor é morrer antes dele e tudo ficar sem explicação.

Obras da Editora da UFSC indicadas
ao Vestibular UFSC

Nós

Salim Miguel [2018, 2019]

Ecos no porão – volume 2

Silveira de Souza [2013]

Homens e algas

Othon D'Eça [2009]

Império caboclo

Donaldo Schüler [2006]

O detetive de Florianópolis

Jair Francisco Hamms [2014]

O fantástico na ilha de Santa Catarina

Franklin Cascaes [2016, 2015, 2006]

O guarda-roupa alemão

Lausimar Laus [2011, 2007]

Últimos sonetos

Cruz e Sousa [2014]

Este livro foi editorado com as fontes Minion Pro e Din.
Miolo em papel pólen soft 80 g; capa em cartão supremo
250 g. Impresso na Imprensa Universitária da UFSC em
sistema de impressão offset. Tiragem: 2.000 exemplares.

SOBRE OS MILAGRES DO CÃO JERÔNIMO

Um livro espicaçante. Os contos que o constituem situam-se, a meu ver, num ponto arbitrário do espaço-tempo, descrevendo elipses perturbadoras que põem em xeque a atenção normal do leitor, desafiando-o. [...] Péricles Prade, acredito, entre os contistas atuais, cria o seu *modern fairy tales* e o faz invejavelmente, com alta dose de originalidade. (Cassiano Ricardo)

Péricles Prade é um escritor singular na literatura brasileira, sem que ninguém se lhe assemelhe quanto à elaboração de seus escritos, em prosa ou em verso. Que seus textos são fantásticos, não há nenhuma dúvida, mas inteiramente diferentes de outros transgressores do real em nossas letras. (Almeida Fischer)

SOBRE ALÇAPÃO PARA GIGANTES

Temos que *Alçapão para gigantes*, refletindo uma atração sistemática do A. pela introdução do sobrenatural na articulação temática, cede à tentação de explorar os limites naturais, carregados de paixões, fraquezas e finitude, que presidem o discurso humano. Por aí é que se infiltra a capacidade crítica de Péricles Prade, enlaçada à sua propensão ao texto poético. (Fábio Lucas)

Quero, antes de mais nada, advertir o leitor de que tem aqui uma pequenina obra-prima. (Tassilo Orpheu Spalding)

